

UM ENSAIO BRILHANTE DE UM INTELECTUAL MADURO

Oswaldo Porchat

RESUMO

Para Oswaldo Porchat, Paulo Arantes mobiliza sua notável cultura filosófica para escrever um livro eminentemente antifilosófico. Paulo Arantes entende filosofia não como algo que se adote e se viva, mas como algo que se estuda como objeto, que se deve estudar e compreender de fora; assim, não há no livro debate de teses filosóficas, mas sempre a tematização externa.

Palavras-chave: filosofia; Paulo Arantes; Universidade de São Paulo; década de 60.

SUMMARY

In Oswaldo Porchat's view, Paulo Arantes unleashes his remarkable philosophical culture to write an eminently anti-philosophical book. Paulo Arantes does not understand philosophy as something to be adopted and to be experienced, but rather as something to be studied as an object, which is to be examined and understood from without; hence, the book does not discuss philosophical theses, adopting an external approach.

Keywords: philosophy; Paulo Arantes; Universidade de São Paulo; 1960s.

Aborrece-me um pouco falar pouco tempo e ter que contentar-me, por isso mesmo, com magras generalidades. Mas são as regras do jogo.

Um ensaio brilhante de um intelectual maduro. Ao longo da obra transparece a notável cultura filosófica de seu autor. Não apenas informação mas assimilação crítica, que se manifesta na maneira como expõe e analisa os temas de que se ocupa. Redação inteligente, estilo ágil. Em vários momentos, análises finas e penetrantes. Algumas páginas de grande beleza. Crítica às vezes quase ferina, mas quase sempre elegante. Um dos mais notáveis alunos que nós tivemos. Hoje um dos mais conspícuos membros da intelectualidade filosófica brasileira.

Esse seu novo livro honra nossa comunidade acadêmica e as letras uspianas, filosóficas e brasileiras. Esse é o testemunho sincero de seu antigo professor, atual colega e sempre admirador. Mas nem tudo são flores. Eu também, já que essa é a regra do jogo, quero fazer alguns reparos. Em duas entrevistas, respectivamente à *Folha* e ao *O Estado de S. Paulo*, Paulo Arantes foi interrogado sobre a relevância do assunto de que se ocupava. Ele

mesmo declarava, num certo momento, que antes mesmo de o livro ser publicado já se murmuravam algumas críticas sobre o desperdício de uma tal inteligência com tal assunto. Eu imagino que um crítico mais maldoso poderia um dia, rememorando este evento de hoje, dizer que naquela mesa estavam presentes dois grandes e brilhantes e respeitados críticos: Roberto Schwarz e Paulo Arantes. Distinguia-os, entre outros, o curioso fato de que um se ocupava de objetos existentes. Se acaso animado de alguma inspiração borgesiana, esse crítico maldoso poderia dizer que Paulo Arantes, descobrindo que seria difícil fazer obra semelhante à de Roberto Schwarz, por culpa do objeto que não existia, começou a inventá-lo por sua conta e risco. E, porque queria ser apenas um crítico, passou a acreditar em sua criatura, projetou-a fora de si, pôs-se a analisá-la e chegou até a encontrar defeitos nela. Representante máximo assim da crítica criadora no sentido literal da expressão.

Eu não endossaria essa postura radical de tão maldoso crítico. Mas ainda assim cabe perguntar: por que essas dúvidas, por que essas relutâncias? Relutâncias de público, relutâncias dos repórteres. Por que essa necessidade que Paulo Arantes sente, e com razão, de ter de explicar-se sobre seu objeto? Ele existe, afinal? Um certo mal-estar se apossa de nós em face dessa situação. Um temor sadio de que estejamos deixando-nos conduzir por uma certa *hybris*, uma certa falta do senso da medida. Será que não estamos nos tornando um departamento de filosofia que, temeroso do seu não reconhecimento externo, se volta narcisisticamente sobre si mesmo e complacente exclama: "Ah, como somos bons!""? Seria bom rirmos de nós mesmos talvez um pouco mais. Paulo Arantes generosamente ri, talvez, de nós mesmos um pouco de menos.

Eu lembro sempre a lição de Cruz Costa, que ria muito de si próprio e sobretudo ria de nós, seus jovens assistentes, ria a bandeiras despregadas do linguajar do Giannotti fenomenológico, da inventividade do Bento, do meu acanhado e arrogante dogmatismo estruturalista. Sinceramente pergunto: será que não é cedo demais para fazer história? Será que não valeria a pena deixar antes a história acontecer? A produção filosófica brasileira ainda é muito pobre, embora crescente. A paulista é parte dela, a uspiana é parte da paulista, a departamental é parte da uspiana. É certamente uma parte respeitável, parte da parte da parte da parte. A produção departamental nossa, onde há certamente elementos dignos de nota e respeitáveis, ainda é muito pobre, contando desde a origem até hoje, mais ainda se se fala só na década de 60.

Eu não exageraria muito se dissesse que tudo o que o Departamento produziu, então, em matéria de filosofia, caberia quantitativamente dentro do livro do Paulo Arantes. Ou quase tudo. Sem querer ferir suscetibilidades filosóficas, eu acho que nós, os mais velhos, temos a maturidade necessária para confessar que, em matéria de qualidade intelectual e filosófica dos nossos trabalhos, o livro de Paulo Arantes exhibe bem mais maturidade do que a que nós tínhamos então, quando escrevíamos os textos de que ele se ocupa.

Não quero dizer que ele não seja até (isto é uma digressão) às vezes injusto. Se eu não temesse a suspeição que com razão se levanta sobre quem

fala em causa própria, se eu fosse outro que não eu (hipótese um tanto difícil de conceber, embora não necessariamente implausível), se eu não temesse sobretudo o senso de humor temível e sempre atento de Bento Prado Jr. (que felizmente não está aqui...) eu me arriscaria até mesmo a dizer que a parte do livro que Paulo Arantes dedica a Oswaldo Porchat é por certo a menos objetiva, a menos consistente, a menos feliz de seu livro. Mas essas coisas não se dizem em público, por isso não vou dizê-las, embora seja verdade. Mas nenhuma obra é perfeita. Um livro bom sempre tem uma parte mais fraca. De qualquer maneira, realmente acho que Paulo Arantes idealiza uma produção filosófica que tinha valor. Aliás, o livro *As origens da dialética do trabalho* merece obviamente uma menção especial, foi a única coisa de fôlego que se produziu naquele momento. Ainda assim acho que há idealização por parte de Paulo Arantes.

Outra coisa é falar da política filosófica do Departamento (aqui Paulo Arantes tem toda razão), do que representou o seminário Marx, moldado por Giannotti, do que significou um esforço pedagógico de formação de quadros. A importância cultural institucional do que se fez em filosofia no nosso departamento, eu creio que com justiça deve ser lembrada, e Paulo Arantes o faz, é um aspecto a ser sempre ressaltado.

Mas não direi o mesmo e não digo o mesmo do que Paulo Arantes escreve sobre a formação de um pensamento filosófico uspiano. O que nós encontramos no livro é muito mais Paulo Arantes do que outra coisa. É Paulo Arantes acreditando por certo no que diz, mas usando sua notável cultura filosófica para debater idéias, criticar conceitos, equacionar problemas, discutir teorias. E o que se passava no Departamento é o pretexto para que ele possa fazer isso. Ele talvez não tenha consciência disso, mas o seu livro vale não pelo que restabelece ou pelo que nos faz conhecer de um passado produzido por sua imaginação criadora, vale muito mais pela exibição que faz do seu pensamento atuante, hoje, exercendo-se sobre os problemas de que se ocupa conforme as suas preferências.

A esse livro, por tantos aspectos admirável, eu teria apenas esses três reparos a fazer: a inexistência do objeto, a ausência de uma fundamentação do discurso crítico que nele tem lugar e uma espécie de postura antifilosófica que o livro, me parece, exhibe do começo ao fim. Paulo Arantes não tematiza seus pressupostos, não explicita seu método, recusa-nos indicações precisas de como estrutura sua visão crítica da temática que aborda. E aí nos desnorreia bastante, nos força a arriscar uma decifração de entrelinhas, e sabemos como isso é perigoso. Porque, é claro, ele tem pontos de vista, tem convicções, tem método, tem preferências, tem pressupostos, mas não os expõe e não os discute. Isso torna problemática para nós a aceitação de sua análise crítica.

Na página 143, falando de Oswaldo Porchat, Paulo Arantes diz: "Uma filosofia, segundo ele [Porchat] está enfaticamente convencido, se adota e se vive". Expondo o pensamento dele, aí corro o risco de fazer uma injustiça, mas me parece que Paulo Arantes entende filosofia não como algo que se adote e se viva, mas como algo que se estuda como objeto, como resultado

e produto intelectual de uma época que se pode e se deve estudar e compreender de fora. Não vemos o debate de teses filosóficas, mas sempre a tematização externa. Alguém maldosamente diria: "da perspectiva de Sirius". É sob essa perspectiva que Paulo Arantes estuda o fenômeno filosófico interagindo com a trama das constelações sócio-econômicas de que emana e que repercute. Mas que os filósofos não vejam assim as suas filosofias parece não incomodá-lo. Que nós, filósofos ingênuos, não sintamos assim a filosofia que perseguimos, que nos preocupemos em recusar ou aceitar filosofemas, isso parece que não o comove. Olímpicamente profliga a nossa ignorância: "Vocês não perceberam a modernidade, não perceberam que a filosofia não pode mais ter objeto, isso já era". Chama-nos de conservadores ou neoconservadores porque é muito educado, gostaria de chamar-nos de atrasados, retrógrados, reacionários. E estremece de sincero calafrio se algum de nós, fiel à vivência do mundo, ousa por um momento pensar que uma pedra é uma pedra antes do mais, não uma significação.

Não temos o tempo nem a possibilidade de demorar-nos sobre essas questões maiores. Mas eu diria que essa obra tão inteligente e que mobiliza uma tal capacidade filosófica é eminentemente antifilosófica. Ela parece recusar ou desprezar a existência do especificamente filosófico, como se isso fosse um mito já superado do passado. A esse historicismo marxizante, que curiosa e paradoxalmente se alia ao que há de pior na metodologia estruturalista da história da filosofia e na sua ideologia, a esse marxismo eu até que preferia o marxismo metafísico meio arrevesado, meio selvagem, mas talvez mais vivo e instigante do saudoso marxista brasileiro José Arthur Giannotti... De qualquer maneira, esse é um livro admirável. Eu sou do livro admirador sincero, assim como do meu amigo que é o seu autor.

Oswaldo Porchat é professor
de filosofia da USP.

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 39, julho 1994
pp. 251-254
